

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 100 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

Grupo de Diálogo 03: Educação Profissional e Tecnológica, Trabalho Associado e Economia Solidária.

Casas de farinha como espaços de memória, trabalho e significados: olhares sobre comunidades de Serrinha - Ba

Eliane Silva de Queiroz, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Serrinha, eliane.queiroz@ifbaiano.edu.br

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica, Trabalho Associado, Economia Solidária

INTRODUÇÃO

Este relato contém informações e reflexões a respeito de uma experiência de extensão, em campo, realizada com alguns estudantes do ensino médio do Colégio Estadual de Santana, que está localizado no Povoado do Cajueiro, em Serrinha. O trabalho foi realizado nas comunidades de Canto, Veludo, Bom Viver e Contendas, que estão nos arredores da escola mencionada, em 2014, com o intuito de identificar, analisar e valorizar as Casas de Farinha presentes nessas comunidades, representando importantes espaços de sociabilidades e de trabalho, o que os torna preenchidos de memória e cultura, e portanto, elementos que precisam ser preservados e cuidados através de ações como esta.

A atividade mencionada foi desenvolvida como desdobramento das propostas dos projetos estruturantes, que são pensados e divulgados pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC/BA), para serem realizados pelas escolas da rede. No caso específico dessa experiência que será relatada, a proposta atendia ao projeto Educação Patrimonial e Artística (EPA), que visa promover o desenvolvimento de ações que fomentem o direito à cultura, além da defesa dos valores históricos e artísticos, estimulando práticas culturais de identificação, reconhecimento e preservação do patrimônio cultural baiano (EPA – SEC/BA). Ao final, o projeto deveria ser apresentado em forma de álbum de fotografias, a ser exposto no momento de culminância desse e de outros projetos desenvolvidos pela escola.

Tendo isso em vista, o projeto, desenvolvido em parceria com docentes e estudantes da escola, foi voltado para as Casas de Farinha, no intuito de reconhecer e valorizar um patrimônio que está embutido nas relações sociais, econômicas e culturais da história brasileira e, também, serrinhense. Portanto, o resultado, a partir das reflexões no campo, contém as impressões de estudantes da 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio, expressas através de materiais imagéticos e organizados em um álbum de fotos.

Portanto, este relato tem a pretensão de refletir sobre a importância desempenhada pelas Casas de Farinha na construção de sociabilidades e também enquanto espaços que remetem à memória sobre o trabalho e suas concepções. Além disso, a partir do relato, espera-se compreender o valor histórico e cultural que esses espaços possuem, reforçando a importância da extensão como problematizadora de questões importantes, em um processo de troca de saberes entre escola e comunidade que permita o aprofundamento e a valorização dos conhecimentos científicos e populares.

DESENVOLVIMENTO

A construção do conhecimento, no âmbito escolar, se dá de diferentes formas e através de instrumentos diversos, que podem contribuir para aprofundar e consolidar saberes importantes. Nesse sentido, a prática da extensão, enquanto elemento necessário e imprescindível ao processo de troca de saberes entre escola e comunidade, representa um ponto crucial para a construção de um conhecimento contextualizado, que tem como foco a realidade e as inúmeras possibilidades de aprendizagem que ela pode permitir. É dentro desse cenário que se destaca a experiência aqui relatada, que, ainda que não tenha sido, à época, nomeada como projeto de extensão, em sua efetivação, trouxe elementos que caracterizam essa prática importante, uma vez que permitiu realizar uma interação importante entre escola e comunidade.

Como mencionado, o trabalho surgiu a partir da proposta de projetos da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, e, diante da ideia, foi pensada, juntamente com estudantes e docentes da escola, a possibilidade de visitar algumas casas de farinha das comunidades do entorno da escola, na tentativa de registrar, fotograficamente, o ambiente, a organização do espaço e os instrumentos utilizados na produção. Para a definição das comunidades, ouvimos as sugestões dos

estudantes, que trouxeram o conhecimento dos seus lugares de vida, mapeando as casas de farinha que eles conheciam e contribuindo na tomada de decisão sobre as comunidades a serem visitadas. Levamos em consideração, também, as próprias comunidades dos/as estudantes envolvidos no trabalho, o que facilitou a interação e o contato com os responsáveis pelos espaços.

Assim, com base nesse conhecimento do cotidiano dos/as estudantes, associado ao conceito de lugar, na Geografia, que dá o sentido do pertencimento e a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido, e onde a história do lugar se confunde com a história das pessoas (TUAN, 1983), ficou definido que as comunidades a serem visitadas seriam Canto, Veludo, Bom Viver e Contendas, todas localizadas no município de Serrinha/BA. Como a proposta do projeto Educação Patrimonial e Artística era o registro fotográfico, a visita ficou centrada nesse intento, havendo alguns momentos de interação e questionamentos, para que se compusesse o álbum de forma detalhada e trazendo os principais pontos do processo produtivo dentro das casas de farinha.

Nesse ponto, é válido reforçar o trabalho desenvolvido nas casas de farinha, onde as tarefas são divididas e organizadas, entre homens e mulheres, responsáveis pelo processo de arrancar a mandioca da roça e trazer para a casa de farinha, no primeiro caso, e raspar os tubérculos, no segundo caso, antes de seguir para as outras fases, que culminam na produção da farinha e da goma para beiju. Nesses locais, além dessa produção, há diversas manifestações culturais, como as “farinhadas”, que são festas com música, dança e muita comida, que celebram o trabalho, mas também os vínculos familiares e comunitários existentes (LEME, 2015).

Sobre isso, foi interessante perceber como o conhecimento dos/as estudantes, com base, principalmente, nas experiências que eles/as já tinham com as casas de farinha, foi importante para a interação com os espaços e as pessoas das comunidades envolvidas, bem como para a explicação e entendimento das diferentes etapas que compunham o processo de produção. As casas de farinha representavam lugares de familiaridade para os/as estudantes, pois já tinham participado do processo de produção e socialização característicos do uso desses espaços.

Assim, as casas de farinha adquirem diferentes significações, tendo o trabalho como o ponto central, visto como elemento que permite, através da sua realização, a construção do próprio ser e da sua existência, categoria central na vida da pessoa. Cardoso (2011, p. 276), com base nos postulados de Hegel, aponta que a pessoa “atinge a plena e inteira satisfação na sua condição de

trabalhador, uma vez que, pelo resultado de seu labor e pelas interações que este último promove, constrói um universo comum que unifica as coisas e os homens". É essa condição de trabalho, visto sob a ótica ontológica de construção e constituição do ser, que o trabalho deve ser pensado.

Ademais, outro ponto importante para reflexão é o sentido de comunidade presente nesses espaços, uma vez que é comum que haja a reunião de diversas famílias e membros da comunidade para a realização do trabalho, momento onde há interação, socialização e aproximação, em um misto de trabalho e diversão. Sendo espaços de troca e de trabalho compartilhado, há uma tendência, nas comunidades, em criar casas de farinha coletivas, geralmente geridas pela Associação Comunitária de Moradores, que podem ser utilizadas por todos e onde há ajudas mútuas entre as pessoas.

Há, nesse sentido, um movimento associacionista que parte da organização dessas comunidades, que encontram nesse trabalho associado a possibilidade de fortalecer a atividade que desenvolvem, o que tem sido uma realidade bem marcante no Território do Sisal como um todo. Sobre isso, Lima e Coelho Neto (2017, p. 69) apontam que "as experiências associativas no Território do Sisal parecem apontar uma possibilidade de reestruturação das relações de poder e promoção da transformação social".

Por isso, as casas de farinha são espaços muito representativos, que remetem a trabalho, com caráter de sustento e de sobrevivência, mas também associado a trocas e sociabilidades marcantes, dando um caráter importante de trabalho, que ultrapassa a formalidade característica das mais variadas formas de se exercê-lo, e engendrando essas mudanças e possibilidades com as associações que dão outros tons para as atividades realizadas.

Após a visita aos espaços e de posse dos registros fotográficos, foi iniciado o processo de seleção e edição das fotos e legendas, que dessem conta de abarcar todo o processo de transformação da mandioca em farinha e goma, o que culminou na finalização do álbum e apresentação, para toda a comunidade escolar, dos resultados alcançados. Na figura 1 são apresentadas algumas fotografias retiradas no dia da visita às casas de farinha.

Todo o processo de desenvolvimento da atividade foi muito significativo, pois permitiu reflexões importantes sobre a construção do conhecimento, os saberes populares, a prática docente, a extensão, o cotidiano, sendo essencial, inclusive, perceber os conhecimentos que os/as estudantes

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 104 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

já possuem e que podem contribuir sobremaneira para que a educação seja de fato transformadora, reforçando a ideia de que é dever da escola reconhecer esses saberes que os/as estudantes trazem consigo, fruto de uma construção na prática comunitária, além de discutir esses saberes em associação com os conteúdos trabalhados (FREIRE, 1996).

Figura 1: Fotografias da casa de farinha A) Espaço da casa de farinha; B) Ceva da mandioca; C) Forno manual; e D) Prensa.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões aqui relatadas sobre a experiência com as casas de farinha, vale reforçar a relevância desses espaços, que guardam a memória sobre trabalho, tradição e sociabilidades, e que mesmo diante de um capitalismo que usurpa todas as formas mais ontológicas de trabalho, resiste e dá sentido e significação ao que sempre se propôs realizar, sendo ainda espaços de grande importância histórica e cultural.

É importante reforçar, ainda, como a realização da atividade com os/as estudantes permitiu construir conhecimentos na prática, no fazer, na experiência, o que torna a educação cheia de sentido e significado, sem deixar de considerar a ressignificação de saberes, uma vez que aqueles espaços e as práticas realizadas ali já faziam parte, em certa medida, do cotidiano dos/as estudantes, que contribuíram, significativamente, para a construção do trabalho e para que acontecesse da melhor forma possível.

Assim, os objetivos pretendidos com a realização da visita às casas de farinha foram bem colocados e atingidos, contribuindo para valorizar esses espaços que são carregados de significado e representatividade. A partir daí, o álbum de fotos também teve um alcance importante ao mostrar, imageticamente, as casas de farinha e como esses ambientes estão organizados e funcionam, colocando como possibilidade de visualização para a escola e a comunidade como um todo, que participaram da culminância e apresentação do projeto.

Ademais, é importante mencionar que a experiência desenvolvida é possível de ser replicada em outros espaços escolares, incluindo outros pontos e nuances que não foram enfatizadas neste trabalho, para além da fotográfica, podendo ser realizadas entrevistas, documentários, entre outras possibilidades, que contribuam para a valorização das casas de farinha, enquanto espaços de vivência, experiência, memória e trabalho.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Luís Antônio. A categoria trabalho no capitalismo contemporâneo. **Revista de Sociologia da USP**, v. 23, n. 2, nov/2011, p. 265-295.

EPA – Educação Patrimonial e Artística. Disponível em: <http://escolas.educacao.ba.gov.br/epa>. Acesso em: 04 de setembro de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEME, Nathália. A história das casas de farinha. Disponível em: <https://www.vivepipa.com/br/publicacoes/blog/45-a-historia-das-casas-de-farinha>. Acesso em: 03 de setembro de 2020.

LIMA, Jamille da Silva; NETO, Agripino Souza Coelho. Território do Sisal-Bahia: da difundida precariedade ao fortalecimento dos ativismos sociais. **Revista Geografares**, n. 23, jan-jun 2017, p. 51-71.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.